

PANDO KÊU



CÓRTE

Um anno . . . 72\$000
Seis mezes . . 6\$000
Tres mezes . . 3\$500

PROVINCIAS

Um anno . . . 14\$000
Seis mezes . . 7\$000
Avulso 500



ANNO I.

Assigna-se e vende-se nesta typographia.

Nº 16



Cosinha parlamentar.

- Mestre. O que é a cozinha ?
— Aprendiz. É uma arte que nos ensina com certos adubos a fazer passar gato por lebre.
Mestre. O que é a eleição ?...
— Aprendiz. A eleição, é uma arte igual quanto ao fundo, mas diametralmente opposta quanto a fórma.
— Um urbano aparte. Cuidado que eu os estou espiando !...

PANDOKEU

REFLEXÃO DE MOMENTO.

Rio, 24 de Fevereiro de 1867.

NESTE nosso Brasil, onde tudo é grande, onde a inspiração com arroubos caudais de luz, a natureza com seus oceanos de verdura, os rios com suas quebradas, immensidade e eterno luctar com as vagas do mar, o céu azul azul a espelhar o limpido colorido do oceano, e o oceano a reflectir os verdes reflexos das esmeraldas, o nacarado alvor das perolas, o brilho azul das saphyras que alindam, ornamentam e esplendem o firmamento: neste nosso Brasil, onde poesia e musica concertam-se na concha azul do céu, na larga faixa de diamantes que o arroio desliza, nas ingentes cupulas da folhagem dos bosques, poesia e musica não as temos nós, os filhos das melodias.

Poesia americana, que conte as festas, as usanças, a theogonia dos brasis, para lembrar á nós, á nossos filhos, á nossos netos, as luctas do tapuia, as correrias do guarany, os amores do guacuru, para pintar como as tribus brasileiras bailavam, atravessavam os rios impetuosos em ligeiras pirogas; poesia americana que nos reavivente na epopeia, no theatro, no romance, na Ama lor Bueno, um Henriques Dias, um Camarão, — glorias de heroismo; um S. Carlos, um Sampaio, um Mont'Alverne, — glorias do genio; um José Bonifacio, Alves Branco e Marquez de Maricá, — glorias do civismo e da abnegação; poesia americana e poesia de fogo como o sol dos tropicos, e sentimental como a moreninha, em cujas faces as rosas e o jambo luctam eternamente, poesia americana livre e nova não a temos e não a temos por desgraça nossa!

E onde maior copia de inspirações que não em nossa natureza? Onde mundos tamanhos como o S. Francisco e o Amazonas, onde plainos tão infinitos, prados tão verdejantes? A natureza cobrindo-se de espesso manto verde, a cachoeira fervendo, espumando, espadanando, o arroio deslizando fios de prata e além serras e matas, n'umas, n'outras ouvindo-se o gorgueio do sabiá, o trino do asulado sahy, n'umas, n'outras vendo-se a esplendida plumagem do guainumbi, os aureos pomos da laranjeira, e além uma casa de sapê e dentro pobre homem que na viola desperta, acorda melodias tão suaves! e melodias tão suaves que enlanguecem e prendem!

E apesar de tanta riqueza, de tanto prodigio, a mocidade, esplendido fulgor dos sonhos do porvir, encurva os braços e deixa desanimada e fraca que revolteiem procellas as areias do deserto.

Musica? Francisco Manoel morreu.

Morreram com elle as esperanças da musica brasileira?

O padre José Mauricio não ha mais um interprete que divulgue ao publico aquellas melodias que tantas impressões causaram?

Neste nosso Brasil tudo quanto é brasileiro morre e fallece.

A *Opera Nacional*, alcaçar, onde artistas brasileiros iriam gladiar-se mutuamente, onde a lucta seria entre genios e lucta homérica, gigantea, a *Opera Nacional*, que tantos esforços custou, e que tantas porlias tão longo ancio e cujos fructos tão breve fruiu, desde logo morreu como morre nos ares um balbuciar tremulo de labios infantis...

João Caetano dos Santos descambou no occaso e delle resta apenas um sulco luminoso; João Caetano Ribeiro sumiu-se e delle lembram apenas raros admiradores o genio da perspectiva e o talento da scenographia; Francisco Manoel baixou ao tamulo e apenas hoje recordam-lhe o nome as melodias que pródigo arrancou-as elle do coração, do cerebro, e espalhou-as cheias dos lumes divinos e mandou-as que brilhassem, encantassem e seduzissem!

E a musica brasileira pede um inicio para uma vida opulenta, rica e fecunda. Onde estão pois os genios, os homens, que com uma palavra podem accordar as melodias dos bosques, da natureza e harmonisal-as com as regras da arte e por consequencia com o bello, o verdadeiro e o sublime? Onde estão Carlos Gomes, o artista da *Noite do Castello*, o inspirado da *Joanna de Flandres*? e Mesquita, o genio fecundo, farto e ingente dos *Vagabundos*?

Carlos Gomes na Europa despe-se das phantasias vagas de Verdi, illumina se dos fogos da arte, purifica sua inspiração, lava o espirito nas aguas da melodia suave, primitiva e original. E Carlos Gomes com a pujança de seu talento, aquella alma sua a encher-se das harmonias da Italia e o coração a chorar saudades pela patria, ha de voltar valente e forte para arrojados commettimentos.

E Mesquita o que é delle? Dorme, repousa já na Capua? encurvou já os braços porque bastos louros ornam-lhe a frente? Não, grossa vilania seria o pensar-se que o cantor inspirado, que geme soluços, aneia ternos queixumes, e em vãos tão seus como é seu o genio, como é sua a força, eleva-se ao ether e repete as magnificencias do Eterno ou exalta as grandezas do homem, deixou a poesia, a musica, dobrou o collo e deixou de trabalhar, de trabalhar quando é pelo trabalho que o genio apura o fogo da inspiração...

Mas Mesquita, vindo da Europa, porque não abre os cofres do seu talento? De gemmas, de diamantes é elle que o sabemos nós, que o dizem muitos, que o affirmam todos!

A cantata da exposição nacional, a intitulada *Soleil de la liberté*, exhibida no Alcazar em 7 de Setembro do anno passado, testemunham em copia farta a musica excellente, harmoniosa e pura de que se serve Mesquita quando usa da linguagem divina. Mas, porque razão Mesquita applaudido, festejado, laureado, não desce á arena com armas tão brilhantes a medir-se em novos combates, onde a palma será sua, porque seu é o genio e rico e nobre?

Neste nosso Brasil tudo morre e fallece uma vez que seja nosso! Mesquita, laureado da Europa, chamado por seu proprio merito á ensinar, á nova geração a palavra sublime que ha de regenerar senão crear a musica brasileira, acha-se como professor da orchestra do Alcazar!

Como o artista não vive de illusões, novo Humero vai derramando a luz de seu espirito áquelles que acolhem-no. E Henrique Alves Mesquita, sem o apoio dos poderes do Estado, atirou-se á orchestra do Alcazar para não morrer de fome... E porque não dão-lhe a batuta de regente da Capella Imperial ou a cadeira de contraponto na Academia das Bellas-Artes? Será ainda porque é brasileiro? Se assim o é que Mesquita mude o nome e venha que ha de ser festejado, vestido e lavado!

Neste nosso Brasil, temos dito uma, duas ou mais vezes, tudo morre e fallece basta que o trabalho seja nosso! Pois bem, protestemos nós; protestemos em voz alta e que a mocidade, despindo d'alma a lethargia que a enerva, atire-se hárdida e forte nas luctas do presente para aguar-
dar os esplendores do futuro.

M. MAJOR.

Joaquim José Ignacio.

Tem tres nomes proprios, e o appellativo ha de-o ganhar na campanha actual, disse o general Mitre ao seu estado-maior a proposito do valente brasileiro que na esquadra substitue dignamente ao valente e brioso visconde de Tamandaré.

O bombardeamento á tiro de pistola trabalhado contra Curupayti é uma acção de muito apreço e que muito honra ao distincto vice-almirante J. J. Ignacio.

E' do dever dos brasileiros elogiar, dar nomeada á actos que ennobrecem o paiz. E o paiz ufana-se e gloria-se não só dos commettimentos immensos do genio e da bravura como tambem dos homens que os produzem e praticam.

Um facto Historico.

O Sr. Pereira é um moço muito serio, não gosta de graças pesadas, nem de pandegas que não se deem entre rapazes; não é devasso, nem ainda perdeu de todo a vergonha, bebe alguma cerveja (marca barbante,) fuma broxa entrelinha, diverte-se no Alcazar e gosta de bahianas.

Ora o Sr. Pereira apesar de tudo é um pouco kerosineiro e por isso gosta de fazer ponto em um barbeiro, que não *salga* mas que esfolia; ha defronte ao applicador de bichas uma pequena que é bonita, engraçada e... boa. O Sr. Pereira gostou da pequena, logo namorou-a, logo vai para o barbeiro, logo fuma broxa para distrahir-se e usa de *pince-nez* lustrado para tornar-se interessante.

Pegarão as bixas; mas os namorados soffrem sempre contrariedades. O Sr. Pereira teve o seu dia nefasto. Ali vai.

Havia um sobrado para alugar na mesma rua em que morava a pequena; o Sr. Pereira, em companhia de outros foi vel-o; queria tomar estado, por isso procura-va casa.

Entrou e com os companheiros. Era á hora do lusco-fusco, principiavam as estrellas a espiar para baixo e para baixo os anjos esguichavão alegres cantiguinhas.

Apenas o Sr. Pereira transpoz o limiar da casa, um dos seus companheiros fechou a porta, situação horri-vel! Um quarto de hora á janella e a janella com escriptos!...

Gargalhadas dos trauseantes, orchestra de risadas e debique. E o Sr. Pereira a tomar pulso ás aranhas que alindavam as paredes e a envesgar os olhos para o firmamento buscando uma estrella como Colombo um mundo.

Apiz um quarto de hora tenebroso como os cyclos que o Dante creou no inferno, o Sr. Pereira viu escancarar-se a porta e *enfiou* para fora.

Tinha a feição desfigurada como um attacado de *cholera-morbus*, os dentes rangião, os cabellos tinham-se eriçado, era a imagem da cholera.

— Estou damnado! gritava o Sr. Pereira, hoje vin-gar-me. Um homem na minha posição, um homem de vergonha. Uf! uf! é muito.

E ei-la a correr; chega ao barbeiro e... não faz nada. E as gargalhadas continuavão, e o debique ia indo e... pobre Pereira... a pequena tambem gostava da caçoi-la.

Que fazer nestas circunstancias? Rir-se e pagar a cer-veja aos pandegos. Foi o que o Sr. Pereira fez, dei-xando no fundo do copo as maguas que lhe torturavão o peito ollegante e protestando que jamais entraria em casa que tivesse escriptos.

Assim seja.



— PELINTIRA. O Sr. tem passas ahí dentro?!

— TAVERNEIRO. Não seja tolo, passas ahí?... passe lá fóra.

— VELHO. O meu amigo diz que as exalações dos suspiros requebrão-me o coração saltando pela boca fóra!...

— GAISETE. Um?... Se seus suspiros são exalações miasmáticas eu já estou vendo o pessimo effeito...

— VELHO. V. Ex. tapa o nariz porque me ouve fallar?...

— GAISETE. Não é porque... é outra coisa...

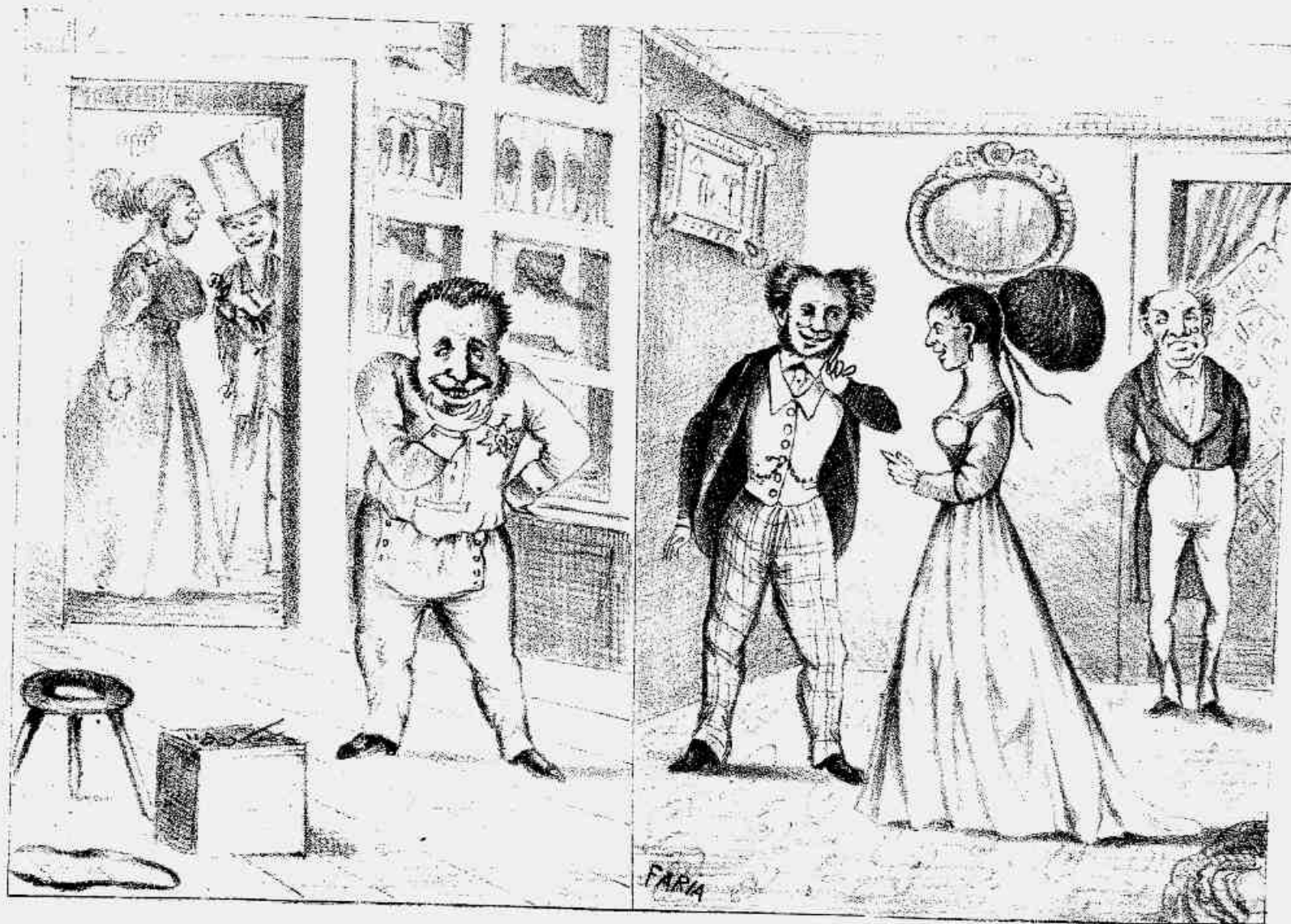


— Meu amigo está muito doente, mandei o chamar para... e para qual a melhor remedio contra a cholera?...

— Meu amigo... é effeito e tomar uma assignatura do Prado... que é il se tornando um jornal muito interessante, e seu preço é de 10 réis.

— ESTUDANTE. Quem pode deixar d'ir ao Alcazar... Heber os seus encantos?... Qual escola normal de theatros, nem meos theatros?... Eu hoje só vivo para o francez, bebo francez, como francez, e adcos estudos?... tudo o mais é patacoada.

— PAI. Pelaco de tratanie, en na rixa plantando mandioca e rapam para sustentar este burro nos estudos, e elle ca no pandega do Alcazar?... e qual?...



— Vocês querem ver que a minha costella tomou juizo desde que obtive a *encommenda*? !.. Já não quer devruar sapatos, e o seu unico trabalho é bistir-se e tucar piano, só, só para m'agradar ! !...

— Bem abenturada mãe que teve um filho para ser *encomendatario* das *crusias* ou como lá lhe chamão.

— ...na Europa os antigos gallos eram...

— Não me falle em gallos Exm.^a que eu já vejo o original diante de meus olhos ! !...

— JARRETA APARTE. Ella mesmo tem cabeça de gallo... e tu me marreo és raposa matreira, mas eu estou admirando-te.

ROMANCE

Os Postiços.

(CONCLUSÃO)

Com effeito Anastacio, o pobre velho, o amante atraído, o ambicioso enganado em todos os seus planos de futuro, retirava-se desnorteado e tão fóra de si, lançando sobre João Paulino tão grosseiras palavras que parecia antes um doudo fugido do Hospício de Pedro 2º. do que um fazendeiro que deixava todas as suas comodidades para assistir uma festa, onde devia encontrar o mais caro penhor de sua vida, o ultimo elo de seus sonhos, a sua futura emfim.

— Pobre amante! infeliz Anastacio! exclamou D. Angelica, sellando um largo suspiro.

— Um grande atrevido, um velho muito incivil, diga antes minha Senhora; respondeu-lhe o pae de Euphemia esfregando as mãos:

— Mas agora me lembro, aonde estará Euphemia?...

— No seu quarto, segundo ella mesmo disse, retirou-se encommodada; e como tomada de uma idéa horrivel levantando-se derrepente, diz:

— Agora vejo que Paulo tambem não está aqui... vamos vel-a Sr. João Paulino?!...

O pae de Euphemia por um instante vacillou, porem depois como se uma voz mysteriosa dissesse-lhe ao ouvido vae, resolveu-se a ir, mas oh contrariedade! chegando ao quarto de Euphemia apenas encontrou os moveis, e um balão em cima da cama que por cautella tinha deixado, para que os arcos no descer a escada, não a atraçassem descendo dest'arte sem que fosse ouvida.

Euphemia tinha fugido com o Dr. Paulo.

João Paulino gritou logo por todos os criados, perguntando se tinham visto Euphemia sair e com quem D. Angelica começou a correr por toda a casa a gritar:

— Estou roubada, perdida, desgraçada, roubaram o meu Paulo, raptaram o meu amante.

Mas isto não hade ficar assim eu lho juro!

Tudo por sua causa Sr. João Paulino, porque é o Sr. o causador de toda a minha desgraça de todos os meus infortúnios, pois não tivesse uma filha tão lambida, e tão offerecida. Amanhã conversaremos e vai descendo a escada, desnorteada e fora de si, como ainda pouco sahira Anastacio; chega á porta, procura por seu carro e não encontra

O Dr. Paulo tinha-lhe feito a gaiatada! a importante gaiatada de fugir com Euphemia no carro de sua antiga amante, no trem emfim de D. Angelica.

— Ainda mais essa para a corda do sino, exclamou D. Angelica que acabou por ficar mais furiosa.

— Não se contentou o patife de me deixar sem carro, e tenho de ir á pé.

E para que não fosse maior a sua enalstração, sem dizer nada a João Paulino que tinha ficado em cima atirado sobre um divan, e para que mesmo não se divulgasse isto, foi se escapando a pé.

Os leitores devem convir commigo que foi uma peça bem pregada pelo Dr. Paulo.

Assim como muito bem feito o castigo que teve Anastacio, deixando d'est'arte para os velhos ambiciosos e gamenhos, um edificante exemplo.

No fim de um mez quem passasse por a Igreja do... ás 4 horas da tarde, veria dous entes que ante os altares recebiam-se em matrimonio, eram:

Euphemia e o Dr. Paulo a quem João Paulino soube illudir até casarem-se, prometten-lo um bom dote, fugindo depois para Montevidéo, sem que um vintem lhes deixasse.

O Dr. Paulo que tinha-se cazado só com mira no dote, depois da fugida de João Paulino, deixou tambem a infeliz Euphemia que hoje para viver, passa por as maiores vergonhas, e os maiores sacrificios.

Fim.

Aix,

O gato.

(CONCLUSÃO)

Os dous contendores avançaram; aproximaram-se e miando terrivelmente trocaram as credenciaes. Um grito duplo e agudo, seguido de um *fuch. .ch.*, indicou que as duas altas partes contractantes iam romper as hostilidades.

Assim foi: unha d'aqui, unha d'acolá, pulo para diante, pulo para traz, eis em que consistiu a lucta, que não terminou como as de Homero pela queda de um combatente, fazendo estremecer a terra, mas pela fuga do gato intruso, descascando com a unha o limo do telhado.

Depois da victoria o nobre animal espreguiçou-se e agitou a cauda magestosamente. A gata amarella achava-se immovel e estacionaria no mesmo lugar, esperando o resultado do combate para decidir-se por um dos lados; acabado esse, ella em signal de regozijo lambeu a mão e lavou o rosto. Era uma demonstração digna d'aquella augusta e dignissima senhora.

A explicação do facto é simples; o gato do vizinho é um tolo de jornalista que pensa em pressão da opinião publica nos conselhos do estado; ora isto é um desaforo, quando há lá em cima gente de barbas e unhas, olhos e pello macio; é ousadia vir um *quidam* destes dizer

em publico e razo um milhão de asneiras, entre as quaes esta — *A missão nobre da imprensa* etc. O povo sabe muito bem com que habilidade os que estão de cima dirigem a — *missão nobre da empresa... politica*. Portanto seja o papalvo chamado a responsabilidade todos os dias, pague multa sobre multa, tenha prisão sobre prisão, que afinal hade acabar por callar-se. Por consequencia... viva o gato!...

Já se vê pois que o telhado tem por unicos proprietarios o gato *malhado* e a gata amarella; as vezes esta quer sublevar-se, o manhoso *bicho* caça um rato o dá presente a bulçosa bicha, e enquanto esta se engasga com os ossos, elle continua na pacifica posse d'aquella habitação aerea.

Um dia porem quiz o bichano que a amavel socia o acompanhasse até o telhado de um 3.º andar, afim de gozarem do panorama da cidade. Já se vê que era uma simples questão de passeio e distracção; pois (cousa incrível!) a gata recusou. O facto tornou-se serio e tomou um aspecto assustador; o gato ameaçou e a gata resistiu; afinal poz termo a questão a completa derrota da felina bicha que foi expulsa do telhado e confundiu-se nos quintaes com outras que esperavam occasião azada para sentarem-se sobre telhas.

Isto tudo, nadamais é, do que uma importante questão de gabinete; a *augusta* resiste, o *nobre* e *honrado* manda-a plantar batatas — vulgo — dissolução de camara.

E' inutil contara briga que se travou em todas as cozinhas; não havia gata que não procurasse furtar um pedaço de lombo para levar ao gato do telhado, todas quisião subir; era uma nobre aspiração.

Até que enfim uma gata venceu e pulou para o telhado, que soberba gata e que soberbo lombo!.. Começou o banquete, mas apenas o ultimo bocado chegava ao estomago do bicho, eis que ergue-se espavorido e entrando pelo solão de uma caza, vai incommodar a familia que estava tranquillamente almoçando e pacificamente fallando da vida alheia. Pobre gato! tinha-lhe dado o ar!

O resultado foi triste, depois de molharem-na muito; encaxeram no em um cano de bota e cortaram-lhe o appendice caudato. E assim o triste bicho foi obrigado a ir viver a vida obscura dos... valantes.

O leitor amigo já entendeu tudo; depois da dissolução, veio a eleição, é uma briga de gatos — *miau...* é o proprio; *mia...* não é o proprio; *fuch... fuch...* pau, pau. Durante esse tempo o *honrado* e *nobre* fez com alguns erros o orçamento da receita, porém acertou de mais no orçamento da despesa; reúne-se a *augusta*, e dá-lhe no lombo; elle por espirito de dignidade (é o ar

do gato) pede a sua demissão e retira-se silencioso para o seu gabinete de estudo.

EPÍLOGO.

O Brazil é um paiz muito feliz; imitou o Egypto, e por isso adora o gato e produz cebolas.

No gato manhoso e *malhado*, o ministro matreiro; na cebola ao Egypto, a execução da lei... boa. Mia, ó gato! Avante, ó patria!...

Jopele.

— 555 —

Fumo.

A' cavallo em um tamborete estava um poeta a procura de uma consoante.

Consoante como uma idéa em dia de barriga vasia e de guella secca corresponde a O no barometro intellectual.

E por isso o poeta ouvia os soluços da barriga e movia paulatinamente as mandibulas; cada movimento e cada soluço encrespavam-lhe as fibras do coração; enquanto o pobre estomago, terreno arido que precisava de irrigação e guano, respeitava religiosamente o jejum da Santa Madre Igreja em segunda-feira.

Nem a quadratura do circulo, nem o motu continuo causarão tantas afflicções aos mathematicos como a consoante ao poeta, e a razão é clara como pós de sapato.

E' que o descobrimento da consoante queria dizer o cumprimento da poesia e a poesia queria dizer dinheiro e o dinheiro queria dizer *enchimento* da barriga.

Mas sacco vasio não se põe em pé, e por consequencia o poeta luctava *debalde* contra a maré de burro no mar da bestialogia. Não funava-lhe as vellas da intelligencia nem um bafejo, subia-lhe porém ás narinas um bafo de maresia (fome).

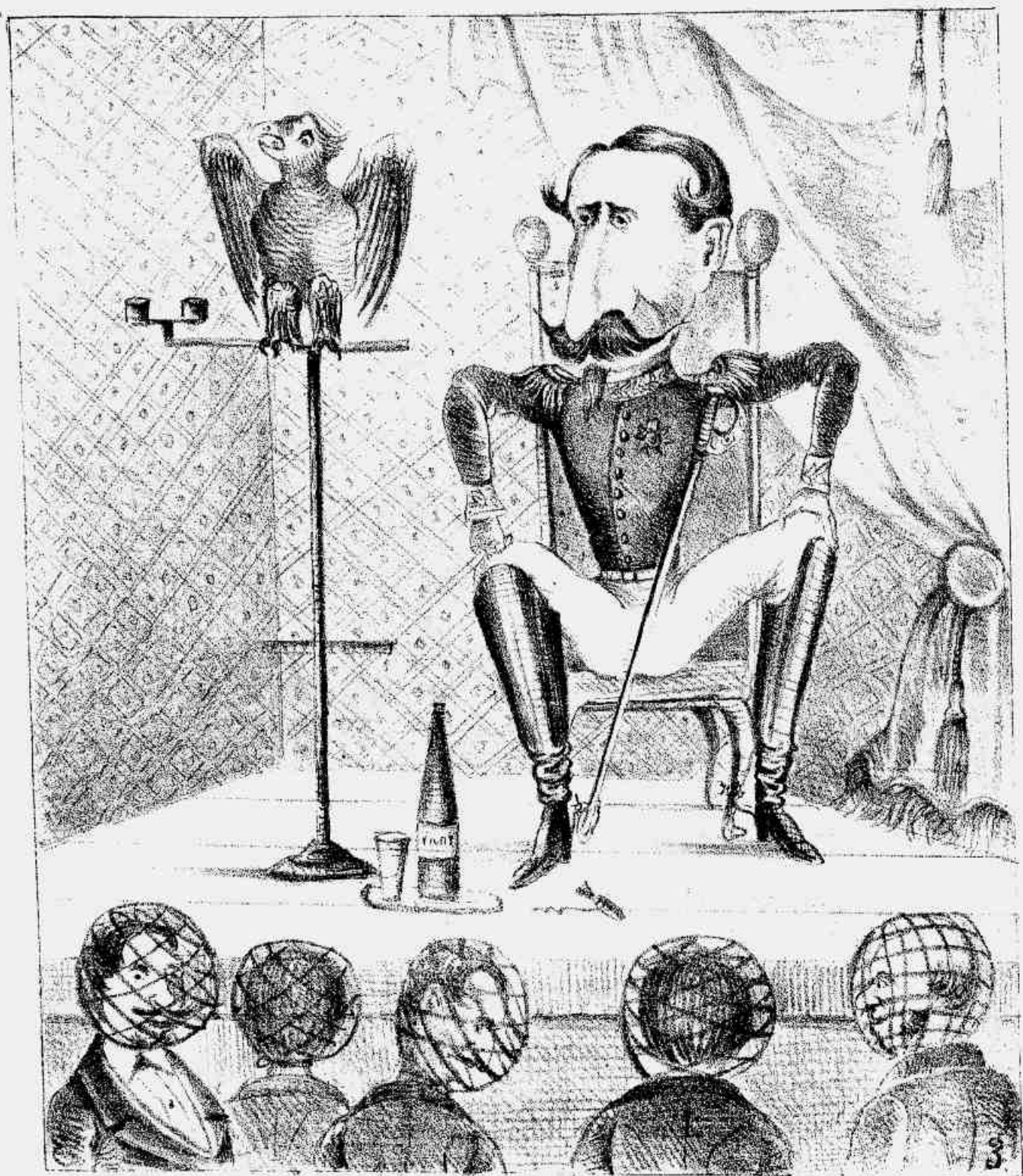
Do subito ergueu-se o poeta direito como uma viga, buliu com os olhos, remexen os labios; e gradualmente curvando-se bateu com as mãos no chão e achou a consoante.

Acabou a poesia e foi jantar.

MORALIDADE. — O poeta escrevera uma poesia sentimental em que chamava a morte, chorava saudades pelas bemaventuranças celestes porque este mundo era um mundo de desenganos, de traição e de mentira.

A poesia não parecia-se com o poeta porque este atirando-se ao jantar como cão a bofes, provou que o jantar era a bemaventurança celeste e o outro mundo era de traição, desenganos e perfidias.

Typ. de Domingos Luiz dos Santos, rua Nova do Ouvidor n. 20.



Um Pai a seus filhos.

Meus amiguinhos deveis estar satisfeitos com a nova permissão, podereis agora interpellar meu governo, sem entendido no contrariando meus planos e sobre tudo respeitando *Papai e Mamã*, sem vos esquecerdes do *titio Rouher* que anda bem zangado.

(— Boletim de Paris. S. C. D. G. —)